

Johnatan de Castro Carvalho

VALE DOS OSSOS



Johnatan de Castro Carvalho

VOLUME 1: GULA



Sumário:

1 . PRÓLOGO	01
2 . CAPÍTULO 1	08
3 . CAPÍTULO 2	17
4 . CAPÍTULO 3	28
5 . CAPÍTULO 4	35
6 . CAPÍTULO 5	40



ARCO: SACRIFÍCIOS

PRÓLOGO

ME LIBERTANDO DAS CORRENTES DO PASSADO

Em uma ilha remota, onde não havia nenhum sinal de vida humana, uma explosão ressoou no silêncio primordial. Tão forte e densa que todo reino estremeceu. A ventania que se seguiu fazia o oceano rugir e as árvores se curvarem em reverência à força que acabara de se libertar. A explosão rasgou o céu noturno como um grito antigo, mas então tudo parecia voltar ao silêncio...

Ilha das Almas

Depois da explosão criou-se uma fenda no espaço-tempo, onde 5 sombras foram arremessadas para a terra encharcada. O lugar era um bosque fúnebre e denso, e no coração daquela floresta, repousava um antigo cemitério coberto de névoa e flores mortas. As figuras começaram a se erguer, uma a uma.

A primeira era pequena e esguia, envolta por um manto escuro. Seus cabelos longos ocultos pelo capuz e o rosto por uma máscara de coelho risonho. Trazia consigo um livro de capa rosa adornado com um crucifixo negro, apertava o livro como quem segurava o último resquício de si mesma.

A segunda era imensa, uma muralha de músculos. Possuía cabelos verdes esmeralda, a luz que transpassava da copa das árvores destacava uma cicatriz marcada na bochecha esquerda, o vento sacudia em seu pescoço um colar de presas de algum animal, e na sua cintura uma espada cintilava.

A terceira de estatura mediana, mantinha-se à sombra dos demais e o que se via dela eram apenas suas luvas que refletiam o brilho da lua, e seus olhos pousavam para a primeira sombra, com quem parecia compartilhar algum laço. Tocava com delicadeza seus próprios cabelos encaracolados, enquanto, com calma, apreciava uma bolacha — Um gesto que contrastava com o peso do lugar...

A quarta, caída ao lado quinta, ajeitava seus óculos que escorregavam pelo nariz. O cabelo desganhado pela queda e uma grande bolsa atravessada ao corpo a tornavam quase cômica. Sua presença, embora despretensiosa e desajeitada, escondia uma mente atenta e calculista.

A quinta estava mais à frente e nada dela podia ser visto, exceto uma **aura** densa e ao mesmo tempo calma que fazia o ar se tornar mais pesado ao seu redor. As outras figuras, por mais singulares que fossem, silenciavam diante de sua presença.

Todas carregavam uma cruz pendurada em seus pescoços...



Chovia. Relâmpagos rasgavam os céus.

O som das gotas de chuva nas poças trazia calma, lembrando as figuras encapuzadas — Qual foi a última vez que estiveram em paz assim? O silêncio é quebrado com a iniciativa de uma das sombras:

— Aparentemente conseguimos chegar aonde queríamos... mas temo que já fomos notados. — Murmurou a quarta sombra com um suspiro de desagrado, sacudiu a capa encharcada. — *Que merda em, tinha que cair justamente em uma poça de lama...* olhou para baixo com um olhar irritado, examinando seus sapatos enlameados.

A primeira sombra que estava mais atrás, se ajoelhou e colheu uma flor do chão, ela inspirou seu perfume já morto e desviou o olhar para o céu, nesse instante a luz da lua, rompendo por entre as nuvens refletiu seus olhos rosados e uma brisa balançou seus cabelos dourados.

— De fato... Estamos na melhor época para garantir o sucesso do nosso plano. — Sua voz tinha um tom infantil, acompanhada de um teor sinistro. — *Mas que frio insuportável nesta poçilga esquecida...* com os braços cruzados abraçando seu livro ela se perde em seus profundos pensamentos.

Naquela noite não haviam estrelas no céu cinzento, apenas o clarão fugaz dos relâmpagos — que por um breve momento, iluminavam os rostos e as silhuetas, revelando o brilho no olhar de quem não tem mais nada o que perder.

O chão era um pântano oculto sob folhas antigas. Cada passo afundava levemente na lama úmida, causando aquele som característico de pegadas sobre as águas barrentas.

Mas então... corvos emergiram da escuridão, eles pousaram ao redor das lápides cobertas por vinhas mortas, onde se erguia um antigo cemitério — esquecido, mas não vazio. Três estátuas, deformadas pelo tempo, guardavam o centro da ilha.

A primeira sombra, se assustou e recuou ao ver os corvos tão próximos. — Corvos idiotas... sempre com esses olhos que parecem julgar a alma. — *Que susto do caramba.*

A terceira sombra — a das luvas prateadas — deu um passo à frente. O som da bolacha se partindo entre os dentes soou grotesco naquele silêncio reverente.

— Não precisa se preocupar, Irmã! Estou aqui. — *Tão adorável...* pensou, mas seu afeto foi recebido com um olhar de desagrado.



— Sai de cima de mim, carrapato, praga. — sibilou, limpando o rosto com a manga de seu manto. — Eca, você babou em mim! Seu idiota.

Agarrando-lhe a cabeça, esfregou o rosto dele contra o próprio braço babado, uma vingança infantil envolta em fúria contida. — Por que isso, irmã?! — Lamentou o irmão, entre risos desconfortáveis.

- *Mesmo brava... ainda ela é tão fofa...* pensou, fixando seu olhar para o grandão de cabelos esmeraldas, ele entendeu que era um pedido de socorro.

Ele se aproximou com um riso contido, e os afastou gentilmente, segurando um em cada braço. Embora a Primeira ainda tentasse mordê-lo, gritando, esperneando, cuspidando...

— Silêncio... sintam. — sua voz ecoou suave, mas cortante. — A Quinta Sombra abriu os braços em direção ao céu encoberto, olhos fechados, como quem suplicava por redenção. As gotas de chuva banhavam sua face sem emoção.

Deitou-se sobre a terra molhada e gélida — Sorriu, não com os lábios, mas com o corpo inteiro — como quem reencontra um lar que julgava antes estar perdido. — *Eu não posso acreditar... funcionou mesmo! Há quanto tempo não sentia algo tão... vivo.*

Então veio o som — tênue, rápido e inesperado

"GALOPES"

Primeiro um. Depois três. Depois uma dezena de cervos, rompendo a névoa estando totalmente alucinados, galopes ritmados — cervos em fuga, seus olhos arregalados refletindo o clarão dos relâmpagos. — como flechas de carne e ossos, desviando dos cinco forasteiros com uma urgência selvagem...

A Quarta Sombra limpava os óculos com um pano inútil sob a chuva. — Eles sabem — os olhos seguindo o rastro dos animais. Sua voz agora era baixa, reverente, como se não quisesse ser ouvida pela floresta.

Ele apertou o visor em seu pulso. Uma luz azulada brilhou por um instante e um holograma surgiu, — Mister, a leitura é limpa. Cacete! — Disse, com um olhar de surpresa. — A aura do mundo permanece intacta. Nenhum sinal deles. — Levantou o braço, mostrando os dados na tela.

Olhou de canto, ainda deitado — suavizou-se. Seus olhos, por um instante, brilharam com algo entre esperança e alegria. Ergueu-se. Seus passos foram lentos, mas firmes.



O ar mudou. O tempo pareceu desacelerar, como se o próprio tecido da realidade segurasse o fôlego diante daquele movimento. — A névoa ao redor estremeceu, como se fugisse do contato com ele. A chuva, por um breve instante, evitou seu corpo.

— Chega de distrações. O que aconteceu antes... não pode se repetir. — Busquem rastros daquelas pragas. Busquem o Herói da Profecia. E, pelo que for mais sagrado, **não deixem que suas versões passadas os vejam...** — Não quero que nosso futuro fique pior do que já está.

Fez um gesto com a mão. — Não podemos permitir que os eventos se repitam... — Antes que pudesse continuar.

A conversa foi findada por um invasor, de dentro da floresta — do mesmo caminho dos cervos. Um som grave, molhado, arrastado. Uma sombra maior do que qualquer uma das cinco.

A quinta sombra, sacou de sua cintura. Uma espada. Empunhava ela como se fosse uma extensão do seu próprio corpo. Por um instante um resplendor no céu, um relâmpago havia acabado de cair diante seus olhos — que brilhavam em um púrpura intenso...

Ele se vira, fitando as figuras que agora estavam ajoelhadas — Não temos tempo para distrações, vamos prosseguir. — As sombras se dispersaram como fumaça ao vento. Ele ficou, encarando as estátuas silenciosas.

A primeira representava uma deusa formosa, com seu nome entalhado na pedra: **Galega, deusa do Amor e da Compaixão**.

A segunda, um guerreiro rude e colossal. O nome fora apagado pelo tempo.

A terceira — no centro — possuía três rostos. Seu nome gravado: **Deusa do Caos e Ilusão**.

Ele desviou o olhar, como quem vê algo que já não pode suportar.

“Se ao menos vocês tivessem tomado as rédeas... o mundo não precisaria romper essas correntes malditas. Mas eu corrigirei. Meus erros. E os de vocês, deuses patéticos...”

Então, sob a chuva crescente, Mister desapareceu na neblina. A tempestade intensificou-se como se o céu lavasse os pecados dos mortos esquecidos sob a terra.

E então — uma queda. A criatura que outrora os interrompia, cai ao chão empossado. As árvores atrás se partiram ao meio, e o sangue cobriu o lugar tal como uma coberta, regando o solo e as raízes das árvores...

E assim, as correntes do passado começaram a se romper...

